

**AURAS E ATMOSFERAS AFETIVAS
DAS PAISAGENS: SENSORIALIDADES,
PERCEPÇÕES E
INTERCORPOREIDADE**

*AURAS AND AFFECTIVE ATMOSPHERES OF
LANDSCAPES: SENSORIALITIES,
PERCEPTIONS AND INTERCORPOREALITY*

*AURES ET ATMOSPHERES AFFECTIVES DES
PAYSAGES : SENSORIALITES, PERCEPTIONS
ET INTERCORPOREITE*

Jéssica Soares de Freitas

Doutora e mestre em Geografia pela Universidade Federal de
Goiás (UFG) e Professora de Geografia no Colégio Pártenon
E-mail : jessicasoaresfreitas@gmail.com

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior

Doutor e mestre em Geografia pela Universidade Federal de
Goiás (UFG), Professor colaborador na Universidade
Estadual de Maringá (UEM) e Professor formador (EAD) da
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)
E-mail : carlosroberto2094@gmail.com

Resumo:

Caminhando pela via das geografias culturais, o presente ensaio intenta compreender a paisagem por meio da conexão da aura, um dos principais conceitos de Walter Benjamin, com as atmosferas afetivas amplamente discutidas nas geografias culturais mais-que-representacionais anglófonas. Para tal, procedemos metodologicamente por meio de uma reflexão ensaística e teórico-conceitual que possibilitaram tecer análises sobre a paisagem nos conceitos adotados. Como resultado desse processo, compreendeu-se que o entrelace em-e-entre auras dos sujeitos e objetos constroem a paisagem de maneira a arquitetar atmosferas afetivas. Essas conectam diferentes relações espaço-temporais que reúnem corpos, emoções, sentidos e percepções. Nesse sentido, a paisagem formada por percepções intercorporificadas pode ser compreendida tanto em sua concretude no material ou na subjetividade imaginativa quanto no emaranhado de significados que são provocados pelas suas conexões auráticas e atmosféricas.

Palavras-chave: afeto, atmosfera, aura, paisagem, geografias mais-que-representacionais.

Abstract:

Trailing through cultural geographies, this essay intends to analyse landscape through its connections with aura, one of Walter Benjamin's main concepts, with affective atmospheres, which are discussed in the more-than-representational theories of anglophone geography. To do so, we conducted an essayistic, theoretical, and conceptual reflection that enabled us to decipher landscape interacts in the employed concepts. As a result of this process, it is comprehended that in-between the interweaving of subjects and objects, auras build landscapes that elicit affective atmospheres. These connects different spatial-temporal relations that reunite bodies, emotions, senses, and perceptions. Thus, the landscape formed by intercorporeal perceptions should be understood as more than its material reality or its imaginative subjectivity, but in the tangle of meanings that are incited by its aural and atmospheric connections.

Keywords: affect, atmosphere, aura, landscape, more-than-representational geographies.

Résumé:

En suivant le chemin des géographies culturelles, cet essai cherche à comprendre le paysage à travers la connexion de l'aura, l'un des principaux concepts de Walter Benjamin, avec les atmosphères affectives, largement discutées dans les théories anglophones des géographies plus que représentationnelles. Pour ce faire, nous procéderons par le biais d'une réflexion essayiste, théorique et conceptuelle afin de mener des analyses sur le paysage selon les concepts adoptés. Comme résultat de ce processus, nous comprendrons que l'entrelacement des auras des sujets et des objets construit le paysage de manière à créer des atmosphères affectives. Celles-ci connectent différentes relations spatio-temporelles réunissant les corps, les émotions, les sens et les perceptions. En ce sens, le paysage formé par des perceptions intercorporelles peut être compris dans sa matérialité ou dans la subjectivité imaginative agrégée des enchevêtrements de significations provoquées par ses connexions auratiques et atmosphériques.

Mots-clés: affect, atmosphère, aura, paysage, géographies plus-que-représentationnelles.

Apontamentos iniciais

Do ponto de vista das geografias culturais, a paisagem ocupa um papel central na interpretação das percepções, sensações e sentimentos. Conforme as obras seminais de Berque (2000; 2014) e Dardel (2011) incitam, as paisagens são fenômenos corporificados de abertura ao mundo. Perceber as paisagens é uma experiência que envolve e transcende as representações e as visualidades porquanto elas são sentidas como eventos sinestésicos.

Acreditamos que o conceito de aura desenvolvido por Benjamin (1989; 2009; 2012; 2017) pode colaborar para a apreensão das paisagens. Auras são constructos da formação perceptiva autêntica dos sujeitos e de suas interações com a realidade. A aura contribui para decifrar como as paisagens são influenciadas na relação sujeito-objeto em diferentes tempos e espaços.

Esse conceito benjaminiano é também interpretado por outros campos teóricos, como no caso da fenomenologia da experiência estética de Böhme (2017, 1993), que desenvolve o conceito de atmosfera baseado na construção da aura. A conceituação da atmosfera refere-se a uma espécie de condensação ou convergência das auras por meio das emanações sensoriais de humores ou sensações de um dado objeto, sujeito ou espaço. Trata-se de um modo de explicitar elementos da percepção que são emocionalmente partilhados por aqueles que interagem com as paisagens.

No horizonte das geografias culturais mais-que-representacionais anglófonas (Silva; Costa, 2022) esse conceito coaduna para enfoques relacionais intersubjetivos. Nelas, as atmosferas afetivas são utilizadas para designar os humores intercorporificados que sintonizam os sujeitos e objetos que afetam e são afetados pelas paisagens (Anderson, 2009; 2014). Conforme

evidenciam os trabalhos de McCormack (2018) e Michels (2015), a atmosfera é um conceito que colabora para vislumbrar os fenômenos *em-e-entre* (*in-between*) paisagens.

Auras e atmosferas afetivas se entrelaçam como conceitos que ajudam a evidenciar como as paisagens são sentidas e percebidas de maneiras intercorporificadas. Ao articular essas noções, evidencia-se que existem elementos intangíveis e invisíveis que permeiam as experiências paisagísticas, as dotando de significações e emoções que envolvem e superam as representações. Essas conceituações tratam dos elementos difusos que são inerentes aos fenômenos experienciais das paisagens. Elas dilucidam os circuitos relacionais dos afetos cotidianos.

Pautado nessas reflexões, o ensaio almeja teorizar como os conceitos de aura e atmosferas podem colaborar para compreender as emanções sensoriais intercorporificadas das paisagens. Desse modo, costura-se uma problematização de fundo epistemológico e ensaístico pautado nas teorias auráticas de Walter Benjamin em articulação aos estudos das geografias culturais mais-que-representacionais centrados nas atmosferas afetivas e das paisagens.

Interações imersivas: sobre o conceito de aura

Aura. Palavra grega que pode significar ar, sopro. Utilizada para se referir a outra pessoa com uma aura boa ou ruim. Diferentes sentidos e significados, assim como várias palavras de nossos vocabulários diários. Em uma perspectiva filosófica, ele apresenta compreensões complexas que podem auxiliar a decifrar as relações intercorporificadas e intersubjetivas intrínsecas às dinâmicas espaciais.

No âmbito das discussões filosóficas, a aura é considerada como um dos principais conceitos de Walter Benjamin (Hassen, 2008), ao qual o autor se refere desde seus primeiros escritos até suas principais obras tardias (Boon, 2006). Dessa forma, há evolução desse conceito dentro da própria obra benjaminiana, de maneira a apresentar diferentes facetas durante seu desenvolvimento.

Uma de suas primeiras aparições está na obra *Haxixe* (Benjamin, 2006). Essa coletânea de textos foi publicada *post-mortem* pela primeira vez no ano de 1972, com textos escritos entre 1927 e 1934 (Boon, 2006). Essa obra é composta por textos escritos durante experimentações com haxixe, ópio e mesalina em diferentes cidades e situações. Elas foram realizadas com diversos outros pensadores da época, como o filósofo Ernst Bloch e o médico Ernest Joel, que se juntaram para refletir sobre suas experiências emergentes do uso de substâncias psicoativas.

Assim, em *Haxixe, começo de março de 1930* (*Hashish, beginning of March 1930*), Benjamin (2006, p. 58, tradução nossa) aponta que “[a] aura genuína aparece em todas as coisas, não apenas em certos tipos de coisas, como as pessoas imaginam”¹. Sujeitos e objetos possuem suas próprias auras e, por conseguinte, emanações auráticas. Essa ligação com as coisas pode ser considerada a partir da relação entre os sujeitos e objetos na construção da aura, ao ponto de que se há algum contato infere-se a existência concomitante de uma aura.

Além da aura estar presente em todas as coisas como uma espécie de emanação interativa, ela também sofre mudanças com cada movimentação provocada no/pelo objeto (Benjamin, 2006). A

¹ “Genuine aura appears in all things, not just in certain kinds of things, as people imagine.” (Benjamin, 2006, p. 58, no original).

aura não é estática, ela é movimento, acúmulo de tempos e reflexo de cada contato que ocorre em sua volta. Ela é formada pela sobreposição das temporalidades das dinâmicas de sujeitos e objetos que se imbricam pela percepção e as sensações corporificadas.

Benjamin (2006) também aponta que a aura genuína não deve ser pensada como um ‘raio mágico’, pelo contrário, “o elemento característico de uma aura genuína é o ornamento, uma auréola ornamental (*Umzirkung*) no qual o objeto ou ser está envolvido como se estivesse em um recipiente”² (Benjamin, 2006, p.58, tradução nossa). Essa visualização da aura como uma espécie de auréola ou halo emanado de cada objeto permite compreender a vida que é tomada pela própria aura. Isso é, a forma como que ela é individual a cada objeto ou sujeito em simultaneidade a como ela está envolta às influências das interações que com ela ocorrem.

Tal relação fica mais nítida em *Principais características da minha primeira impressão sobre o Haxixe* (*Main features of my first impression on Hashish*), escrito originalmente em 1927, em que o autor descreve as sensações obtidas pelo uso do haxixe. Benjamin (2006) discorre que percebe aqueles que estão no mesmo local ao adentrar na aura uns dos outros, de modo a até mesmo sentir uma certa violação de sua aura quando isso ocorria. O fenômeno aurático está ligado a como as emanações decorrentes de determinados corpos se conectam, se chocam ou interagem umas com as outras.

Nas reflexões de *Pequena história da fotografia* (Benjamin, 1987) e *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (Benjamin, 2017), o autor discorre mais pormenorizadamente acerca da sua concepção de aura. No último, Benjamin (2017, p. 59)

² “the characteristic feature of genuine aura is ornament, an ornamental halo [*Umzirkung*], in which the object or being is enclosed as in a case.” (Benjamin, 2006, p. 58, no original).

responde sua pergunta do que é aura ao apontar que é “uma trama peculiar de espaço e tempo: a aparição única de uma distância, por mais próxima que esteja.” Evidencia-se que o filósofo compreende que a aura se associa ao espaço e o tempo. Podemos entender que se relaciona especialmente com as latências do momento presente.

Benjamin (2017, p. 59) continua ao apontar que, “Observar calmante, em uma tarde de verão, uma paisagem montanhosa no horizonte, ou um ramo que joga sua sombra sobre o observador – é isso que significa respirar a aura dessas montanhas, desse ramo.” Ele traz a relação da aura da montanha, do ramo, em como o sujeito altera e é alterado por essa mesma aura, de forma a acumular os contatos que ocorrem com outros sujeitos e mesmo com múltiplos outros objetos.

Sobre essa passagem, Akimuru (2019, p. 2, tradução nossa) explica que respirar a alma “significa ‘seguir com o olho desse algo que projeta sua sombra no observador’, tanto o sujeito quanto o objeto precisam existir simultaneamente quando o sujeito ‘respira a aura’ do objeto”³, de forma “que a condição ocorre na premissa de que tanto o sujeito como o objeto estão presentes em um mesmo espaço e ao mesmo tempo”⁴ (Akimaru, 2019, p.2, tradução nossa).

A aura é uma potencialidade estética e sensorial que consubstancia uma espécie de mundo emanado pela paisagem ou obra a ser sentida. Ela é expressão da mundaneidade coexistente no circuito ativo da percepção que envolve sujeitos e objetos que se situam no fenômeno aurático.

³ “means ‘to follow with the eye the branch that throws its shadow on the observer,’ both the subject and the object must exist simultaneously when the subject ‘breathes the aura’ of the object” (Akimaru, 2019, p. 2, no original).

⁴ “that the condition occurs on the premise that both the subject and the object are present in the same space and at the same time.” (Akimaru, 2019, p. 2, no original).

A aura pode ser sentida ou emanada simultaneamente pelo sujeito e pelo objeto. Nessa relação, o objeto se torna sujeito ao ser permeado pela conexão projetada pelo próprio sujeito ou pelo objeto emanante. Há acúmulos de tempos e espaços a partir do momento que sujeitos e objetos se relacionam em diferentes contextos de emanção, entrecruzamento, difusão ou (re)criação de auras.

Akimuru (2019, p. 2, tradução nossa) ainda aponta que “essa ‘estranha tessitura de espaço e tempo’ ou ‘aparência única de uma distância’ denominada de ‘aura’ pode ser entendida como o ‘tempo’ que um objeto está acumulando no ‘espaço’ desde o início do mundo”⁵. Nesse caso, objeto inclui de forma ambígua e misturada tanto os sujeitos quanto os objetos envoltos nos fenômenos auráticos (Akimuru, 2019). Cada aura é uma trama intercorporificada que unifica os sujeitos e objetos envoltos nas paisagens.

Auras evidenciam o caráter liminar das interações entre os humores acumulados ao longo de um tempo vivido em um determinado espaço incorporificado por relações intersubjetivas. É por essa razão que ao se debruçar sobre os escritos do poeta Charles Baudelaire, Walter Benjamin aborda o que se caracteriza como a experiência de aura ao discorrer que:

A experiência da aura se baseia, portanto, na transferência de uma forma de reação comum na sociedade humana à relação do inanimado ou da natureza com o homem. Quem é visto, ou acredita estar sendo visto, revida o olhar. Perceber a aura de uma coisa significa investi-la do poder de revidar o olhar. Os achados da *mémoire involontaire* confirmam isso. (E não se repetem, de resto: escapam da lembrança, que procura incorporá-los. Com isto elas corroboram um conceito de aura, que a concebe como o “fenômeno irrepitível de uma distância”. Esta definição tem a vantagem de tomar transparente o caráter cultural do

⁵ “this ‘strange weave of space and time,’ or ‘the unique appearance of a distance’ called ‘aura’ can be understood as the ‘time’ that an object has been accumulating in the ‘space’ since the beginning of the world.” (Akimuru, 2019, p. 2, no original).

fenômeno. O que é essencialmente distância é inacessível em sua essência: de fato, a inacessibilidade é uma qualidade fundamental da imagem do culto. (Benjamin, 1989, p. 139-140).

Na passagem ensaística benjaminiana fica nítido que a experiência da aura é diretamente relacionada com o espaço e com o momento em que o sujeito se relaciona com o objeto e vice-versa. O passado se conecta com o presente e se projeta na relação de futuro a partir da observação relacionada. Trata-se de uma condensação de tempos-espaços que se consubstanciam na (in)acessibilidade do olhar que “revida” aquele que imerge em uma dada situação.

A aura forma um circuito ativo de retroalimentações contínuas de percepções. Emanações auráticas se articulam às relações intercorporificadas das coisas e dos sujeitos. Akimaru (2019, p. 4, tradução nossa) explicita esse processo ao discorrer que:

de acordo com Benjamin, um sujeito pode experienciar plenamente a aura de um objeto se o objeto, quando olhado pelo sujeito, olhar de volta para o sujeito. Se o objeto se tornar o observador e o sujeito se tornar aquilo que é olhado, o sujeito deve olhar de volta ao objeto também⁶.

Experiências auráticas ocorrem no mesmo espaço-tempo. Esse processo é condicionado de forma intersubjetiva pelo circuito ativo entre objetos e sujeitos emanantes de auras em processo de interação espacializada. O espaço-tempo que compõe as auras pode ser acumulativo e permeado pela intercorporeidade das entidades que nele se entrelaçam.

Complementarmente a esse pensamento, Benjamin, no ensaio *Parque Central*, aponta a seguinte definição: “aura como projeção na

⁶ “According to Benjamin, a subject can fully experience the aura of an object if the object, while being gazed at by the subject, gazes back at the subject. If the object becomes the gazer and the subject becomes the gazed, the subject is expected to gaze back at the object too.” (Akimaru, 2019, p. 4, no original).

natureza de uma experiência social entre seres humanos: o olhar é retribuído.” (Benjamin, 1989, p. 163). A ‘projeção na natureza’ a qual Benjamin se refere está relacionada ao espaço, às experiências que nele ocorrem. Tal relação pode ter reflexo direto na paisagem, a qual percebemos a partir de nossos sentidos sinestésicos (Wylie, 2007).

A retribuição do ‘olhar’ referida pelo filósofo compreende-se na ideia de quando experienciamos algo, esse sujeito ou objeto observa de volta ao se projetar rumo a nossa aura. A aura é construída nas variadas relações que ocorrem entre o eu e o outro, a acumular experiências perceptivas.

Damião (2016, p. 132) aponta que sentir a aura envolve uma percepção que “surge no cruzamento temporal do passado com o presente, fundada na dialética entre distância e proximidade”. Em suma, a aura pode ser caracterizada como uma profunda percepção antes mesmo do contato ocorrer de forma direta, posto que é um imbricamento de distanciamentos e aproximações (Damião, 2016). O momento perceptivo entre sujeito e objeto impacta a aura e a modifica em função de acúmulos espaço-temporais. Nesse mesmo sentido, Akimaru (2019, p.4, tradução nossa) pondera que:

se torna aparente que a base conceitual da ‘experiência da aura’ é a ‘resposta característica’ no relacionamento entre humanos e é também aplicável ao relacionamento entre humanos e objetos inanimados.⁷

A um primeiro momento, essa relação pode parecer conectada com o ato de ver (Akimaru, 2019). No entanto, se considerarmos que em várias passagens Benjamin descreve relações para além do regime escópico da visualidade, podemos entender que a percepção

⁷ “it becomes apparent that the conceptual basis of the ‘experience of the aura’ is the ‘response characteristic’ in the relationships between humans, and it is also applicable to the relationships between humans and inanimate objects.” (Akimaru, 2019, p. 4, no original).

da aura, assim como a percepção da paisagem, é composta pelos sentidos e, indo além, nossa imaginação. Ela é conjurada por entrelaçamentos de materialidades e imaterialidades dispostas pela experiência estética que converge percipiente e percebido.

Embora seja o sentido que o filósofo utiliza como foco para exemplificação, a visão não é o único utilizado em nossa capacidade perceptiva da aura. Em *Passagens*, Benjamin (2009, p. 359) sintetiza: “minha definição da aura como a distância do olhar que desperta no objeto observado.” Nesse trecho, o sentido da visão se destaca, mas até que ponto a visão é a única responsável pelo ‘olhar’?

Para intentar compreender essa relação perceptiva da aura, Hassen (2008, p. 340, tradução nossa) distingue que é “evidente que a aura não é uma propriedade inerente das pessoas ou objetos, mas pertence ao *meio* da percepção, denominando uma estrutura visão particular (ainda que não limitada ao visual)”⁸. Nesse caso, a noção de *meio* está conectada com a mediação da percepção porquanto a aura é um direcionamento perceptivo mais profundo que ocorre no momento em que o sujeito experiencia algo que o impacta, que o faz *olhar*, utilizando seus sentidos. O *meio* reúne os elementos auráticos como componentes pertencentes a um mesmo todo dinâmico e espaço-temporalmente situado.

Assim, “em outras palavras, a aura implica uma estrutura fenomênica que permite a manifestação do olhar, inevitavelmente refratado e disjuntivo, e molda seus sentidos potenciais”⁹ (Hassen, 2008, p. 340, tradução nossa). A experiência aurática da paisagem se

⁸ “evident that the aura is not an inherent property of persons or objects but pertains to the *medium* of perception, naming a particular structure of vision (though one not limited to the visual).” (Hassen, 2008, p. 340, no original).

⁹ “in other words, aura implies a phenomenal structure that enables the manifestation of the gaze, inevitably refracted and disjunctive, and shapes its potential meanings.” (Hassen, 2008, p. 340, no original).

entrelaça em diferentes facetas. Na relação com a paisagem, essas auras acumuladas durante o tempo se interrelacionam em uma miríade de percepções.

Ainda que cada aura se relacione com o espaço e o tempo em que é percebida, pode ultrapassar fronteiras e linhas temporais ao passo que é corporificada naquele que a experiência. A aura demonstra ser uma percepção complexa e com desdobramentos complicados de desembrulhar. Ao mesmo passo, a paisagem é uma conceituação interessante para nos fazer mergulhar nesse conceito benjaminiano.

Sensorialidades *em-e-entre* atmosferas afetivas

O caráter sensorialmente difuso das auras, assim como o seu entrecruzamento de agências, remete ao fato de que elas ultrapassam as representações e conformam modo de vir-a-ser concernente a algo que é sentido antes de ser refletido. Em razão disso, ponderamos que as auras remetem à noção de afeto, à capacidade de um dado corpo humano ou não humano em afetar e em ser afetado, como descreve o geógrafo Vannini (2015).

Do ponto de partida das geografias mais-que-representacionais, os afetos são entendidos como expressões corporificadas que concernem ressonâncias sensoriais (Vannini, 2015). De modo similar às auras, os afetos não são necessariamente gerados por agências humanas, mas inerentes ao processo por meio do qual os objetos se entrelaçam com as experiências.

Como explicam Silva e Costa (2022), o afeto excede a fixidez e a potencialidade de contenção porquanto é algo que se manifesta *em-e-entre* (*in-between*) corpos, em tramas transpessoais de significação. O afeto consiste na duplicidade ambígua que reúne aquele que afeta

com aquilo que é afetado (Anderson, 2014). Os afetos são emanações entrelaçadas de interações experienciais significativas.

A maneira mais nítida por meio da qual os afetos se espacializam é na emergência de atmosferas afetivas. Na definição de Anderson (2009), essas atmosferas são formadas por afetos coletivos que se aglutinam em torno de uma dada imaginação material. Segundo o geógrafo,

atmosferas afetivas são uma classe de experiências que ocorrem *antes* e *durante* a formação da subjetividade, por meio de materialidades humanas e não humanas e *em-e-entre* as distinções sujeito-objeto¹⁰ (Anderson, 2009, p.78, tradução nossa).

Essa consideração é herdeira da fenomenologia da experiência estética de Böhme (1993, 2017), que extrapola as teorias auráticas de Benjamin (1987; 2017) para propor o conceito de atmosfera. Na perspectiva da estética böhmeana, as atmosferas podem ser entendidas como condensações das auras emanadas por objetos e sujeitos. Elas descrevem o sentido experiencial dos afetos, humores e percepções que pairam sobre uma dada obra de arte, paisagem ou situação. Ou seja, cada atmosfera é um cruzamento de emanações auráticas.

Difundidas no pensamento geográfico mais-que-representacional anglófono (Silva; Costa, 2022), as abordagens atmosféricas são desdobramentos da teoria aurática que colaboram para entender os elementos (i)materiais dos afetos que permeiam as paisagens. As atmosferas afetivas colaboram para entender como os processos espaciais interrelacionam dinâmicas sensoriais e afetivas (Michels, 2015). Por meio do conceito de atmosfera, visa-se explicitar

¹⁰ “Affective atmospheres are a class of experience that occur *before* and *alongside* the formation of subjectivity, across human and non-human materialities, and *in-between* subject/object distinctions” (Anderson, 2009, p.78, no original).

algo que é sentido ante a visto, uma espécie de presença afetiva partilhada por aqueles que adentram em um determinado local.

De modo semelhante às auras, as atmosferas emanam e fluem das coisas, das pessoas e de arranjos complexos entre ambos. Baseado nas auras benjaminianas, o filósofo Böhme (1993) discorre que as atmosferas possuem qualidades que transcendem o âmbito objetivo e subjetivo, pois entrelaçam presenças que são experienciadas espaço-corporalmente como algo coletivamente pertencente aos mundos.

Como Böhme (2017, p.25-26, tradução nossa) complementa, essas atmosferas preenchem espaços, de forma que “nós as experienciamos, em outras palavras, como algo quase-objetivo, cuja existência nós também comunicar com os outros”¹¹. Assim como a noção de aura benjaminiana, as atmosferas afetivas conformam um todo perceptivo que soma tempos e espaços das paisagens.

Trata-se do modo como podemos adentrar em uma determinada praça ou rua e sermos afetados pelos tempos acumulados naquela paisagem. Se for, por exemplo, uma paisagem depredada e com sinais de abandono, podemos ser tomados pela atmosfera de medo ou de curiosidade acerca das variadas camadas temporais que nela foram depositadas. Essa capacidade de sintonização aurática é um ponto fundamental de como as atmosferas afetivas desdobram características fundamentais do vir-a-ser-paisagem, posto que elas são adensadas de sentidos pelos múltiplos arranjos afetivos que as compõem.

Na condição de uma experiência *em-e-entre* espacialidades transpessoais, as atmosferas são proposições afetivas compostas por

¹¹ “we experience them, in other words, as something quasi-objective, whose existence we can also communicate with others” (Böhme, 2017, p.25-26, no original)

emanações auráticas circunscritas às paisagens. Para os geógrafos Anderson e Ash (2015), as atmosferas podem ser compreendidas como gatilhos mnemônicos e sensoriais que condicionam os sentimentos de uma dada situação, local, pessoa ou coisa de um modo particular. Atmosferas são os meios afetivos por onde as auras das paisagens se corporificam de modo intersubjetivo.

É nesse sentido que Anderson (2009, p.79, tradução nossa) discorre que as “atmosferas não estão/são finalizadas por conta de sua abertura constitutiva a serem arrebatadas pela experiência”¹². Em decorrência do seu caráter aurático, as sintonizações atmosféricas estão em um devir fluido de transformações que decorrem das indeterminações de ausências e presenças que emaranham o sentimento intercorporificado das paisagens. Aquilo que é sentido como particular a uma situação ou momento é a condensação daquela atmosfera afetiva que *afeta* transpessoalmente aqueles que a ela se sintonizam.

Não é por menos que Böhme (1993; 2017) suscita que elas remetem à noção de ambiência espacial referente a como cada espacialidade parece ter um humor próprio que envolve aqueles que entram em sua constelação de objetos e sujeitos. Na condição de meio difusivo da geograficidade, da ligação afetiva do Ser com a Terra (Dardel, 2011), as atmosferas confluem em emanações de constelações ambientais decorrentes das presenças e ausências que marcam suas realidades como sobreposições de espaços e tempos.

Na concepção de Benjamin (2009), a aura é situada pelo acúmulo de temporalidades que são percebidas no encontro entre sujeitos e objetos. As sintonizações auráticas das paisagens

¹² “atmospheres are unfinished because of their constitutive openness to being taken up in experience. Atmospheres are indeterminate” (Anderson, 2009, p.79, no original).

efervescem em arranjos de atmosferas afetivas que afetam e são afetadas por aqueles que delas participam. Há uma causa emergente nas atmosferas, como ressaltam Anderson e Ash (2015), porquanto não é possível identificar precisamente onde elas começam e terminam. Elas criam circuitos afetivos complexos, intersubjetivos e intercorporificados.

Atmosferas são ontologicamente indeterminadas, defende Böhme (1993), pois elas não pertencem exatamente nem aos objetos ou as pessoas ou ambientes de onde emanam. De fato, elas são desdobramentos do circuito a(fe)tivo das paisagens, conformando o meio (in)tangível *em-e-entre* os sentimentos que as permeiam. Os humores, as tonalidades e as emoções que afetam as atmosferas superam as representações ao serem convergências de afetos indeterminados e em devir.

Na condição de emanações auráticas, as atmosferas afetivas transcendem os regimes de visibilidades e suscitam formas de sintonização com os contextos espaciais *em-e-entre* determinadas situações de geograficidade. As atmosferas das paisagens são marcadas pelos modos como arrebatam afetivamente os corpos humanos e não humanos que imergem nelas, reafirma Trigg (2020). As auras que situam essas espacialidades criam convergências afetivas que dão os contornos emocionais de uma dada paisagem: assustadora, angustiante, feliz, melancólica, bucólica, empolgante, instagramável ou qualquer outro contorno aurático que possa vir a dela emergir.

Ash (2013) explica que as atmosferas também advêm de um nível pré-reflexivo de afetos que emanam de objetos técnicos, eventos troposféricos ou outras emergências de entidades não humanas. Existe uma autonomia elemental das atmosferas que pode ser

exemplificada no modo que uma tempestade afeta a paisagem de um lago, em como um celular tocando afeta todo o humor de uma sala de aula ou na maneira como um trovão pode afetar os corpos dos cachorros que o escutam. A circulação de perturbações dos afetos dos objetos salienta esse sentido interobjetivo presente nas emanações atmosféricas.

Conforme o estudo de Nomeikaite (2023) exemplifica, uma obra de arte de rua, como o graffiti, tem uma atmosfera que supera o seu caráter representacional porquanto também está envolta pela aura da paisagem urbana que a afeta e pela qual é afetada. Não é possível separar a experiência afetiva de um mural grafitado do estado do céu, das luzes e sombras, dos sons, da chuva, dos animais não humanos e das pessoas que passam em um dado momento. Desse modo, a própria atmosfera em fluxo da paisagem é um todo sensorial aurático que conflui afetos dinâmicos que transcendem as representações daquele fenômeno paisagístico – o permeando de *geografias do que acontece*, como definiria Thrift (2008).

Em acordo ao que explica Trigg (2020), as atmosferas arrebatam-nos de múltiplas maneiras. Por mais que elas esporadicamente pareçam ser subsumidas por outras experiências perceptivas, elas permanecem no fundo das percepções das paisagens como algo que informa o caráter transpessoal e intercorporificado da sua vivência. Atmosferas indicam o estilo afetivo pelo qual as paisagens afetam e são afetadas pelos múltiplos componentes espaço-temporais que as compõem.

Inerentemente mais-que-representacional, esse caráter aurático advém da forma como os afetos são substancializados de modos relacionais. Nesse contexto, as emanações de atmosferas

afetivas são emergências causais e fenomênicas do vir-a-ser relacional que propicia a origem do espaço geográfico.

Anderson e Ash (2015) argumentam que as atmosferas condicionam e são condicionadas pelas relações porque as englobam e as envolvem. Elas são todos envolventes que não se dissociam das paisagens marcadas pelos seus humores interafetivos. Cada fenômeno atmosférico determinante dos afetos das paisagens compõe sintonizações de auras partilhadas que (re)criam humores, sentimentos, emoções e intercorporeidades em fluxos constantes de metamorfoses geográficas. Nas palavras de Anderson (2014, p.160, tradução nossa),

atmosferas são um tipo de excesso afetivo indeterminado por meio do qual espaços-tempos intensivos são criados e vêm a envolver corpos, locais, objetos, pessoas, e assim por diante; todos podem ser atmosféricos ou podem sentir e serem movidos pelas atmosferas.¹³

Ao confluir emanções auráticas, as atmosferas afetivas são forças moventes que conformam o sentido de envolvimento *em-e-entre* paisagens. Atmosferas concernem geografias de forças intangíveis e invisíveis que sintonizam entidades em contextos paisagísticos multissensoriais.

Por um (des)enlace: Auras e atmosferas das paisagens

Evidencia-se que os afetos tomam espaço no mundo por meio de uma miríade de elementos. Segundo Silva e Arruda (2021), há um espaço de ação das emoções que concerne à expressividade do mundo vivenciado pelas trocas, interações e relações afetivas. O espaço

¹³ “Atmospheres are a kind of indeterminate affective excess through which intensive space-times are created and come to envelop specific bodies: sites, objects, people, and so on, all may be atmospheric or may feel and be moved by atmospheres” (Anderson, 2014, p.160, no original).

vivenciado refere-se as espacialidades emotivas que fixam e direcionam a existência dos seres (Silva; Arruda, 2021).

No pensamento dardeliano, a paisagem diz respeito à totalidade relacional das ligações existenciais com a Terra, sendo ela a manifestação primal da geograficidade – esse lugar originário de base e meio para uma ontologia geográfica. Como o autor escreveu, “a paisagem se unifica em torno de uma totalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica” (Dardel, 2011, p. 31). Os fenômenos paisagísticos são disposições afetivas que expressam a mundanidade da geografia como forma de existência.

Em acordo a esse posicionamento, Berque (2000) reafirma que a geograficidade do ser envolve uma relação em que aquilo que é vivido se funde àquele que pensa ao participar de sua ontologização. A geograficidade da paisagem é um nexos relacional por meio do qual ela se (re)significa entre formas de vir-a-ser em devires transpassados pelas sintonizações auráticas e suas conformações em atmosferas afetivas.

É por essa razão que o geógrafo McCormack (2018) ressalta que as atmosferas não possuem uma escala privilegiada, pois são arranjos de tempos e espaços em que podem estar contidos desde a paisagem de uma sala até àquela de uma cidade como um todo. A geograficidade das atmosferas afetivas converge as auras definidoras dos conjuntos socioespaciais emocionais, acionais e perceptivos. Na interescalaridade intercorporificada das paisagens, as atmosferas são emersões das significações que afetam e são afetadas pelos corpos humanos e não humanos sintonizados pelos fenômenos paisagísticos permeados pela intersubjetividade.

No âmago das sensações intercorporificadas que emergem das paisagens, a relacionalidade que flui das paisagens é permeada por múltiplas auras convergentes aos seres humanos e não humanos que nela coexistem. Como explicita Benjamin (1989, p.139), a experiência aurática envolve o sentido de que “Quem é visto, ou acredita estar sendo visto, revida o olhar. Perceber a aura de uma coisa significa investi-la do poder de revidar o olhar”. No âmbito das atmosferas das paisagens, isso implica na reciprocidade perceptiva das emanações de auras que se somam na (re)significação dos afetos que permeiam o fenômeno paisagístico.

De fato, como explica Trigg (2020), as atmosferas afetivas são emaranhadas na estrutura dialógica entre aquilo que é percebido e o(s) percipiente(s) na geograficidade dos arranjos afetivos. As atmosferas das paisagens formam esse espaço do *em-e-entre* em que os afetos enlaçam a geograficidade de ser-com em fluxos emocionais, acionais e relacionais.

Mason e Riding (2023) sustentam que a paisagem é composta por constelações de fluxos de vidas que incluem histórias, animais não humanos, plantas, fenômenos troposféricos e outras formas de convergências afetivas. Auras que emanam desses distintos elementos viventes e não viventes criam sinfonias de experiências convergentes a um determinado humor e disposição corporal das percepções paisagísticas. Em razão disso, as emanações atmosféricas das paisagens não são originadas por um ou outro de seus componentes, mas pela visão do todo advindo do seu nível material e imaterial, assim como de presenças e ausências.

Os sentidos do *em-e-entre* pelos quais os afetos ocorrem de modos intercorporificados denotam diferentes qualidades afetivas, tonalidades ou condicionalidades dos enlaces de experiências

paisagísticas. Conforme desnuda Anderson (2014), a ambiguidade das atmosferas afetivas converge nos (des)encontros que caracterizam a paisagem como fenômeno experiencial, perceptivo, estético e emocional que *afeta e é afetado* pelos mundos humanos e não humanos que fazem parte de seus arranjos existenciais.

Na condição de algo a ser percebido, a paisagem é permeada pela excepcionalidade de transcender algo que seja delimitável, tangível e previsível, argumenta Silva (2023). Embora possa ser expressa, a representação da paisagem é apenas uma parte ínfima da sua totalidade e(m) geograficidade. Os horizontes afetivos – e, portanto, mais-que-representacionais – dos fenômenos paisagísticos podem ser sentidos e, de certo modo aferidos, por meio das auras e das atmosferas em arranjos intercorporais de seres e entidades enlaçados em paisagens.

Para Anderson (2014), as atmosferas afetivas envolvem formas de sentir que vão para além dos nomes das emoções ao convocarem formas de envolvimentos dinâmicos de articulações de afetos. As paisagens infundidas por sintonizações (inter)afetivas consideram tanto aquilo que os fenômenos paisagísticos eram no passado, o que eles são no presente e aquilo que eles potencialmente podem vir a ser em razão das emergências atmosféricas em fluxo. O caráter não-representacional das atmosferas, suscitam Anderson e Ash (2015), reflete esses modos de relações dependentes das interações transpessoais de corpos e objetos cocriadores das paisagens.

Mais que algo intersubjetivo, as atmosferas também estão enlaçadas *em-e-entre* meios elementais interobjetivos (McCormack, 2018). Cada paisagem, como emergência fundacional de geograficidade, dimana as interações intercorporificadas do vir-a-ser

da Terra como elemento basilar de onde as outras auras se irradiam. Os (des)enlaces que emergem desse processo são os arranjos de sintonização que estão no âmago daquilo que os corpos sentem quando imersos nas paisagens.

Silva (2023) argumenta que o invisível da paisagem incorpora tanto os dados sensoriais transcendentais à visibilidade quanto aquilo que é formulado pelas memórias, projetos, imaginários, sonhos e ideias. As paisagens estão enoveladas nesses influxos existenciais que entrelaçam as emanações auráticas. Nessa lógica, elas são condicionadas por atmosferas simultaneamente ao processo de elas mesmas condicionarem atmosferas afetivas. Destarte, há retroalimentações contínuas de sintonizações de afetos e auras que dinamizam as paisagens.

O enlace experiencial das paisagens decorre da força movente dos corpos que as atravessam (Schilitte, 2022). A experiência paisagística nos fluxos da geograficidade é composta por (des)enlaces intercorporificados que promovem transformações auráticas entre aqueles que estão imersos nos arranjos de afetar e ser afetado pelos humores, sentimentos e sensações atmosféricas.

Paisagens não são elementos a serem vistos, mas experienciadas de maneira (inter)corporificada, na condição de “algo que nós andamos por e vivemos em”¹⁴ (Schilitte, 2022, p.503, tradução nossa). As emoções que são partilhadas por esse processo decorrem do caráter imersivo das relações auráticas que posicionam cada paisagem como emersão de arranjos afetivos. Por meio dos corpos humanos e não humanos (des)enlaçados nos fenômenos paisagísticos, são criadas ressonâncias, sintonizações e (novos) afetos que se sobrepõem uns aos outros.

¹⁴ “something we walk through and live in” (Schilitte, 2022, p.503, no original).

Por mais que envolvam elementos intangíveis, invisíveis e imateriais, as atmosferas afetivas que se desdobram das paisagens reúnem fluxos intercorporais das auras. Os afetos multissensoriais que confluem entre as experiências paisagísticas ressaltam o caráter multifacetado da geograficidade, especialmente o modo como ela é vivida na indissociabilidade corpo-mente.

Paisagens são frutos da imaginação e dos aspectos subjetivos acrescidos da concretude de onde emanam suas auras e atmosferas. Cada constructo paisagístico é um somatório de mundos em fluxos de metamorfoses constantes que se reúnem em função dos seus aspectos intercorporais e intersubjetivos. De acordo com Berque (2000, p.207, tradução nossa),

Em suma, a partir do momento em que nós sabemos que não é apenas nossa consciência, mas todo o nosso corpo que, predicando ao universo, de fato um mundo, nós temos que nos questionar como ele reflete essa predicação por si mesma; pois é isso que faz a consciência em termos de pensamento: refletir, isso o corpo também faz, mas em termos carnis.¹⁵

De modo especial no caso dos seres humanos, há um corpo social que se associa ao corpo animal, argumenta Berque (2016). Em razão dessa condição, as auras das técnicas e dos símbolos constitutivos dos mundos-de-vida não são simplesmente separáveis das atmosferas afetivas emergentes dos enlaces vitais com a Terra, elo originário da geograficidade (Dardel, 2011). Estes elementos estão intimamente entrelaçados, de modo que as auras e atmosferas das paisagens são desdobramentos de ser-no-mundo.

¹⁵ “Bref, à partir du moment où nous savons que ce n’est pas seulement notre conscience mais tout notre corps qui, prédisant l’univers, en fait un monde, nous avons à nous demander comment il réfléchit cette prédication sur lui-même ; car ce que fait la conscience en termes de pensée : réfléchir, le corps le fait aussi, mais en termes de chair.” (Berque, 2000, p.207, no original).

A carnalidade das paisagens refere-se ao fato de que elas demandam por sintonizações em auras e atmosferas que garantem a concretização de suas geograficidades. Mais que todos abstratos ou construções mentais, elas são confluências de corpos entrelaçados alquimicamente em enlaces de mundos experienciais de intercorporeidade e intersubjetividade na qual os componentes ecológicos, técnicos e simbólicos estão inexoravelmente plasmados em devir.

A paisagem, assim como a percepção aurática, não é apenas algo que vemos, mas uma forma de ver e ser (Wylie, 2007), e, para além, *do sentir*. Essas relações são necessárias para a construção da paisagem, para sua aura, assim como é necessário a entendermos com o conjunto das sensações humanas e de suas sinestésias ambíguas (Ferraz; Nunes, 2014).

Se, como explica Benjamin (1987), a aura é formada a partir das sensações, na construção da paisagem, há uma conexão direta com quem a percebe naquele momento com os outros, humanos e não humanos, que estão ou têm contato com ela. As emanações auráticas das paisagens são mais que seus componentes tomados de forma isolada, pois emergem da visão de conjunto das múltiplas emanações auráticas advindas dos sujeitos e objetos que compõem sua cenografia.

A paisagem exige uma interrelação direta com quem a compreende e, acima de tudo, a experiencia como parte dos circuitos intercorporais de ser-no-mundo. Wylie (2007, p. 7, tradução nossa), aponta que a “paisagem é tanto o fenômeno em si *quanto* a nossa percepção dele. [...] Ou seja, a paisagem adquire a sua forma nos

reinos da percepção e da imaginação humanas”¹⁶. A paisagem emerge nas relações concreto-subjetivo em emanções auráticas.

Se considerarmos que Benjamin entende a aura como uma das mais importantes formas de experiência que descreve (Hassen, 2008), podemos compreender que a experiência aurática vai ligar com a mais profunda sensação do ser. A aura faz parte do âmago ontológico por onde a paisagem é um descobrimento das geograficidades que pulsam como nexos existenciais que envolvem e superam as representações. Ao mesmo passo, essa relação pode ser interrompida pelas inautenticidades aplicadas às paisagens.

A paisagem pode ser entendida também como tensão, especialmente na relação entre presença e ausência (Rose; Wylie, 2006). Apesar da aura ainda existir mesmo quando o objeto desaparece (Gregory, 2024), sua relação primária é prejudicada, a continuar apenas para aqueles que já experienciaram sua aura, os transformando. Na relação da paisagem, podemos entender a mesma dinâmica. Seu desaparecimento não ocorre de modo completo, uma vez que ainda permanece na memória, nas imaginações, nas referências e nas experiências dos objetos e sujeitos que em algum momento entraram em contato.

As atmosferas afetivas da paisagem são conectadas com as relações de passado-presente-futuro na medida em que abrem horizontes de ressignificação contínua. Perceber essa paisagem é conectar com seu passado (Ingold, 1993), compondo assim um mosaico espaço-temporal (Serpa, 2013) que conflui por emanções auráticas permeadas por múltiplas temporalidades ao mesmo tempo. O âmago das paisagens é essa capacidade de arrebatamento que

¹⁶ “landscape is both the phenomenon itself *and* our perception of it. [...] That is, landscape takes shape within the realms of human perception and imagination.” (Wylie, 2007, p.7, no original).

enovela coisas, subjetividades e corpos no dinamismo que pulsa em geograficidades caleidoscópicas.

Essas experiências marcam as paisagens ao transformar suas auras ao mesmo tempo em que também as conectam com as auras daqueles que as experienciam. Tais relações podem ser compreendidas em atmosferas afetivas, ao passo em que não se perdem ao passar do tempo. Ao contrário, se acumulam e marcam os espaços *em-e-entre* condições geográficas diversificadas.

Respirar as auras das paisagens é algo que pode nos levar para outros tempos, sejam as memórias do passado ou os projetos para o futuro. As (outras) paisagens para onde somos levados nessas viagens vão depender dos elementos intercorporificados que nos convergem aquele fenômeno aurático. Os humores, as (in)disposições corporais de outros seres vivos ou a disposição dos objetos emanantes de auras podem nos (des)locar rumo a uma pletera de espaços-tempos.

As auras e atmosferas afetivas das paisagens colaboram para desnudar como cada fenômeno experiencial da paisagem é um acontecer intercorporal que envolve e supera os seres humanos. Emanações auráticas de entidades humanas e não humanas se misturam em tessituras multissensoriais que fazem das paisagens todos emocionais que arrebatam aqueles que nelas imergem. Vivenciar uma paisagem é, portanto, mais que a ver, mas de fato mergulhar nas tramas de atmosferas que nos convocam a direcionar nossos corpos em determinadas disposições afetivas.

Apontamentos Finais

Como conceito geográfico, a paisagem por vezes é conectada com o sentido da visão. No entanto, ao compreendermos a partir de uma relação para além do representacional, a paisagem se releva

como frente das relações afetivas em todos os sentidos, sejam objetivos ou subjetivos. Isso situa um caráter multifacetado e intercorporificado que é fundamental para a maneira como a geograficidade das paisagens enovela articulações em que sujeito e objeto se misturam de modos indissociáveis.

As misturas e arranjos de entidades humanas e não humanas irmanadas pelas paisagens demonstram os enlaces inexoráveis de situações *em-e-entre* que compõem a realidade geográfica. Os fenômenos e as experiências de paisagens são permeados por elementos auráticos e atmosféricos porquanto têm significado como todos coletivos, intersubjetivos e intercorporificados. É por conseguirmos partilhar dos humores, das emoções e das percepções – daquilo que afetamos e somos afetados por – que as paisagens existem na condição de fenômenos geográficos.

Ao desvelarmos o conceito de aura de Walter Benjamin, compreendemos as possibilidades da compreensão da paisagem em um processo de conexão das experiências entre sujeitos e objetos. A aura se constitui como base da conceituação das atmosferas afetivas, conceito importante na geografia cultural anglófona contemporânea. Acreditamos que isso possibilita evidenciar o caráter instável, aberto e intercorporificado que está no âmago dos fenômenos paisagísticos.

As presenças caracterizadoras das auras evidenciam como as junções de afetividades desdobram-se nos momentos fundacionais em que os fenômenos paisagísticos são coletivamente experienciados como complexos interativos de entidades humanas e não humanas. Trata-se de compreender que o âmago ontológico das experiências das paisagens são compartilhamentos de experiências sensoriais evidenciadas em entrecruzamentos, atravessamentos e trocas de humores *em-e-entre* geograficidades.

Ao embarcarmos nas jornadas da paisagem entrelaçada às atmosferas afetivas é possível irmos para uma relação complexa com várias corporeidades e subjetividades. As auras e atmosferas das paisagens desnudam como os afetos intersubjetivos, intercorporificados e transpessoais são fundamentais para entender o devir-paisagem para além de sua epifenomenalidade.

Embora discussões sobre as auras sejam incipientes nos estudos geográficos, sua construção teórico-metodológica pode colaborar para aprofundar o entendimento das percepções das paisagens. Acreditamos que a introjeção desse conceito benjaminiano nas geografias culturais tem o potencial para alavancar as reflexões articuladoras das sobreposições espaço-temporais.

As atmosferas afetivas que derivam do conceito de aura demonstram essa potestade. Como as geografias mais-que-representacionais anglófonas situam, as abordagens atmosféricas possibilitam compreender os afetos transpessoais das paisagens. Somadas às teorizações das auras, elas podem adensar a compreensão existencial e perceptiva acerca das experiências paisagísticas.

Referências

- AKIMUTU, T. *What is Aura?* A Study on Walter Benjamin's Philosophy. Amazon Kindle, 2019.
- ANDERSON, B. Affective atmospheres. *Emotion, space and society*, v.2, p.77-81, 2009.
- ANDERSON, B. *Encountering Affect: capacities, apparatuses, conditions*. London: Ashgate, 2014.
- ANDERSON, B.; ASH, J. Atmospheric methods. In: VANNINI, P. (Org.) *Non-representational methodologies: re-envisioning research*. New York and London: Routledge, 2015, p.34-51.

ASH, J. Rethinking affective atmospheres: Technology, perturbation and space times of the non-human. *Geoforum*, v.49, p.20-28, 2013.

BENJAMIN, W. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre-RS: L&PM, 2017.

BENJAMIN, W. *On Hashish*. Cambridge & London: The Belknap press of Harvard University Press, 2006.

BENJAMIN, W. Parque Central. In.: *Obras escolhidas Volume III – Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 151-181.

BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BENJAMIN, W. Pequena história da fotografia. In.: BENJAMIN, W. *Volume I - Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 81-107.

BENJAMIN, W. Sobre alguns temas em Baudelaire. In.: *Obras escolhidas Volume III – Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 103-150).

BERQUE, A. *Écoumène: Introduction à l'étude des milieux humains*. Belin : Paris, 2000.

BERQUE, A. *Histoire de l'habitat idéal: de l'Orient vers l'Occident*. Paris : le félin, 2016.

BÖHME, G. Atmosphere as an aesthetic concept. In: THIBAUD, J. P. (Org.) *The aesthetics of atmospheres*. London: Routledge, 2017, p.25-27.

BÖHME, G. Atmosphere as the fundamental concept of a new aesthetics. *Thesis Eleven*, v.36, p.113-126, 1993.

BOON, M. Walter Benjamin and Drug Literature. In.: BENJAMIN, W. *On Hashish*. Cambridge & London: The Belknap press of Harvard University Press, 2006, p. 1-16.

CANTINHO, M. J. O voo suspenso do tempo: estudo sobre o conceito de imagem dialéctica na obra de Walter Benjamin. *Imagem e Pensamento*. pp 305-318.

DAMIÃO, C. M. Sonho, estetização e política em Walter Benjamin. *Valise*, v. 6, n. 12, pp. 129-144, 2016.

DARDEL, E. *O Homem e a Terra*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FERRAZ, C. B. O; NUNES, F. G. O horizonte não é linear: paisagem e espaço na Perspectiva Audiovisual Linear de Anton Corbijn. *Ateliê Geográfico*. v. 8, n. 1, p. 166-180, 2014.

GREGORY, T. Reading Pornhub's authentication system and deleted archive through Walter Benjamin's aura. *Porn Studies*, 2024, p. 1-18.

HANSEN, M. B. Benjamin's Aura. *Critical Inquiry*, v. 34, n. 2, 2008, p. 336-375.

INGOLD, T. The temporality of the landscape. *World Archaeology*. London: Routledge, v. 25, n. 2 1993, pp. 152-174.

LUGINBÜHL, Y. Landscape iconography and perception. *The international encyclopedia of Geography*. 2017, p. 1-8.

MASON, O.; RIDING, J. Reimagining landscape: Materiality, decoloniality, and creativity. *Progress in human geography*, v.47, n.6, p.1-21, 2023.

MCCORMACK, D. P. *Atmospheric things: on the allure of elemental envelopment*. Durham and London: Duke University Press, 2018.

MICHELS, C. Researching affective atmospheres. *Geographica Helvetica*, v.70, p.255-263, 2015.

NOMEIKAITE, L. Street art, heritage and affective atmospheres. *Cultural Geographies*, v.30, n.4, p.596-588, 2023.

ROSE, M.; WYLIE, J. Animating landscape. *Environment and Planning D: Society and Space*, 2006, v. 24, pp. 475-479

SCHIER, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. *Ra'ega'*. N. 7, 2003, pp. 79-85.

SCHILITTE, A. Lines made by walking – On the aesthetic experience of landscape. *Continental Philosophy Review*, v.55, p.503-518, 2022.

SERPA, A. Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos. *GEOUSP – Espaço e Tempo*. São Paulo, n. 33, 2013. pp. 168-185.

SILVA, L. L. S. *A excepcionalidade da paisagem e do lugar: a transcendência da (i)materialidade por meio da mediação de subjetividades*. Belo Horizonte: Letramento, 2023.

SILVA, L. O. S.; COSTA, A. Teorias não-representacionais e Geografia: reflexões e perspectivas. *Geograficidade*, v.12, n.2, p.23-42, 2022.

SILVA, M. A. S.; ARRUDA, C. Movimento como convite para fazer geografias: corpo, espaço e emoções. *Geografares*, v.32, p.1-17, 2021.

THRIFT, N. *Non-representational Theory: space, politics, affect*. New York: Routledge, 2008.

TRIGG, D. The role of atmosphere in shared emotion. *Emotion, Space and Society*, v. 35, p.1-7, 2020.

VANNINI, P. Non-representational research methodologies: an introduction In: VANNINI, P. (Org.) *Non-representational methodologies: re-envisioning research*. New York and London: Routledge, 2015, p.1-18.

WILIE, J. *Landscape*. New York: Routledge, 2007.

WYLIE, J. A landscape cannot be a homeland. *Landscape Research*. London: Routledge, 2016.

Submetido em: 13 de abril de 2024

Devolvido para revisão em: 31 de maio de 2024

Aprovado em: 01 de junho de 2024

DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2023.3445

COMO CITAR

FREITAS J. S. de, SOUZA JR C. R. B. de. Auras e atmosferas afetivas como desdobramentos das paisagens: espacialidades de emanações sensoriais intercorporificadas. **Terra Livre**, São Paulo, ano 38, v.2, n. 61, jul.-dez. 2023, p. 386-417. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/3445>. Acesso em: dd/mm/aaaa.